

Práticas de curar e doenças na comunidade escrava da Imperial Fazenda de Santa Cruz, na segunda metade do século XIX

Júlio César Medeiros da Silva Pereira*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar, à luz da História da Medicina e das Doenças – sob o enfoque da história Cultural – como os escravos da Imperial Fazenda de Santa Cruz, da segunda metade do século XIX, lidaram com as enfermidades que os afligiam e suas práticas de cura exercidas em torno dos conhecimentos da medicina vigente, amalgamados aos preceitos africanos. A pesquisa tem demonstrado que a questão da saúde e da incidência de certas doenças está amplamente vinculada a questões sociais. A sociabilidade escrava girava em torno da obtenção de um certo “espaço de liberdade” que ia desde a manutenção de um hospital de escravos, ao direito a alimentação gratuita para as crianças e os doentes. A partir do momento em que tais “conquistas” são colocadas em xeque pelo superintendente da Fazenda, a rebeldia toma conta da comunidade cativa, gerando uma crise.

Palavras-chave: escravidão, doenças, história cultural.

Abstract

The present article aims to analyses, as regards the history of medicine and illnesses – under the focus of cultural history – the way the slaves from Imperial Fazenda de Santa Cruz in Santa Cruz, from the second half of nineteenth century, dealt with the diseases that affected them and their healing practices were performed based on the medicine in vigour together with the precepts left by the Jesuits. This, however, did not make them leave their ancient African precepts behind. The research has shown that the health issue and the incidence of certain diseases are strongly linked to social conditions. The slave sociability was based on the obtainment of a certain “space of freedom” which included the maintenance of a hospital for the slaves and the right to have free food for the children and the sick people. From the moment those acquisitions were kept in check by the manager of the Fazenda, there was a rebellion in the slave community, creating a crisis.

Keywords

Slavery, illness, cultural history.

A pesquisa ora apresentada tem por objetivo verificar as principais doenças que acometiam os escravos, de uma comunidade rural, distante centenas de quilômetros das freguesias do centro do Rio de Janeiro: a escravaria da Imperial Fazenda de Santa Cruz entre

* O autor é Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorando em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz, e desenvolve sua tese baseada na temática apresentada.

2

1861 a 1867. O nosso foco se concentra nos escravos pertencentes ao governo os quais compunham a força motriz da singular Imperial Fazenda de Santa Cruz, uma das maiores produtoras agropastoris do século XIX. O estudo sobre tais escravos nos permitiria responder pelo menos três questões concernentes a saúde dos escravos: em primeiro lugar, saber de que eles morriam e quais as principais doenças que afligiam-nos; a segunda, é verificar se as doenças encontradas nos escravos urbanos eram as mesmas que acometiam os escravos rurais; e, finalmente, quais eram as ações destes frente à questões concernentes à saúde e morte.

O nosso recorte temporal está localizado na segunda metade do século XIX, e a nossa fonte documental consiste em livros de óbitos de escravos da Fazenda Imperial de Santa Cruz, de 1861 a 1867, encontrados no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, tal documentação paroquial, nos permite descobrir a data dos sepultamentos, quem mandou sepultar, a causa *mortis*, o local do sepultamento, assim como os paramentos fúnebres – mortalhas – que envolviam os mortos. A partir desta fonte primária, confeccionamos um pequeno banco de dados que serve-nos de base para a análise em questão. Uma outra fonte utilizada em nosso estudo é o trabalho do historiador Benedicto Freitas, sobre a Imperial Fazenda de Santa Cruz que pertencera aos jesuítas até serem expulsos pelo Marquês de Pombal, em 1769. Baseados no livro de óbitos de escravos de Santa Cruz, de 1861 a 1887 tabulamos um total de 261 mortes e as suas principais causas, para que pudéssemos entender a regularidade das doenças no tempo e os tipos de escravos suscetíveis a elas. Como veremos a seguir:

As doenças infectas parasitárias causaram 150 mortes entre a escravaria da Fazenda Santa Cruz.¹ Dentre elas, a causa mais comum foi a tuberculose que matou 64 pessoas, ou seja 42,6 %, quase a metade dos óbitos entre os escravos. Ela matou mais aos escravos do sexo masculino que, os do sexo feminino, já que, quando separamos esses dados entre os sexos, notamos a diferença de 26,6% para os homens, e 16,0% para as mulheres.

A segunda causa *mortis* de maior vulto foi a que os médicos chamaram de uma forma geral por “febres” e que respondeu por 23 falecimentos, ou seja, 15,76% do total. Febre era uma forma encontrada no saber médico dos séculos XVII ao XIX para se referirem aos sintomas que, em geral, correspondiam aos seguintes indícios: suor constante, calafrios, superaquecimento corporal, náuseas e vômitos (FRANCO, 1829:91). Tal causa *mortis* pode parecer ser vaga, mas a febre enquanto patologia deveria ser diagnosticada segundo preceitos claros para época. É o que prescreve o Dr. Francisco de Mello Franco, médico da Câmara

¹ Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, Livro de óbitos de escravos da Fazenda Santa Cruz, 1861-1867. Agradeço a Daniele Salgueiro por ter colhido estes dados

3

Real e sócio da Academia de Medicina de Lisboa o qual, oferecera ao rei lusitano o seu *Ensaio sobre as febres*, em 1829. Para tal mal, o autor receitava a *quina*.² Os jesuítas, desde os primórdios da nossa colonização, já haviam aprendido com os nativos a importância de tal planta e aviavam vários medicamentos com esse produto e não por acaso, a quina ficaria conhecida, segundo Franco, como o “*pó dos jesuítas*”. Quando os jesuítas foram expulsos da fazenda de Santa Cruz deixaram uma botica com mais de 600 produtos medicinais. A *febrífuga*³ contra vermes, lenho de *guáiacó* contra a sífilis e, sobretudo, muita quina.

As doenças do sistema digestivo também fizeram muitas vítimas, a diarreia e a enterite foram as responsáveis, juntas, por mais da metade do total. A diarreia foi apontada como a causa *mortis* de 12 escravos e 15 escravas, perfazendo um total de 27 pessoas, ou seja, 46,5% das 58 pessoas mortas por doenças do sistema digestivo. Com efeito, é compreensivo que em uma área rural do Rio de Janeiro, haja uma doença transmitida, sobretudo, por vermes e parasitas intestinais. Segundo o médico Imbert, citado por Karasch, era normal que se encontrasse muitos vermes presentes nos corpos dos escravos no momento das autopsias. Dracúnculos, solitárias, lombrigas e ancilóstomos povoavam a flora intestinal dos escravos e tais doenças possuíam o seu potencial destrutivo ampliado quando havia um quadro de desnutrição. Neste caso, a doença poderia evoluir causando além de indisposição para serviço, a diarreia crônica e finalmente a morte. No período estudado duas pessoas morreram de icterícia (amarelão), e cinco por hidropisia (barriga d’água). Descalços e, em contato direto com a terra, os escravos eram presa fácil dos vermes e sobre isto, nada se podia fazer.

A vida na Fazenda de Santa Cruz, assim como em muitas outras áreas rurais não era nada fácil para os escravos, o *stress* da escravidão, o eito e os castigos físicos contribuía para o desenvolvimento dessas patologias que culminavam com o falecimento. A rotina dos escravos de Santa Cruz era sempre a mesma, de segunda à sexta a alvorada era às 4:00 da manhã; às 5:00 o escravo já deveria estar vestido, pois às 5:30 ele sofreria a revista para os trabalhos diários. Ao som do tambor que, aliás, demarcava o tempo de todas as atividades diárias, os escravos eram separados em *esquadras* de serviço, que obedeciam ao gênero e a faixa etária destes. Às 11:00 horas havia a primeira pausa para a refeição e os escravos recebiam uma ração composta de carne seca e farinha. Ao por do sol, os escravos recebiam a segunda etapa, constituída de arroz e feijão cozidos em gordura do gado abatido.

² Como se sabe, a quina é uma planta largamente encontrada na América do Sul, da qual se produz o alcalóide *quinino* que possui propriedades analgésicas e antitérmicas e, neste estado, serve para combater a malária

³ Febrífuga é uma pequena planta espinhosa da família das *ramnáceas* encontradas no Uruguai, Paraguai, Argentina e sul do Brasil. cf. Reissek, S.; Martius, C.F.R. *Flora Brasiliensis* 11, 100.

As 18:00 horas regressavam à Fazenda e faziam uma ceia frugal, muitos torciam para chegar a quaresma, pois, só assim, comeriam peixe. Às 21:00 tinha lugar a revista do recolher, então um a um os escravos seriam recontados e mandados cada qual para a sua senzala. As crianças não escapavam ao trabalho. Crianças com mais de sete anos constituíam a esquadra dos “mínimos”. A eles era reservado o serviço de retirar as ervas daninhas do campo, o plantio de sementes e ajudar na olaria. A sua ração era à parte e consistia em etapas diárias de rapaduras, eles participavam do “*caldeirão dos pobres*”, uma antiga refeição ofertada pelos jesuítas aos escravos doentes, às crianças menores de sete anos, e alguns artífices, constituía-se basicamente de miúdos dos reses e legumes que sobravam das colheitas. Os escravos do sexo masculino eram escolhidos segundo as suas habilidades,⁴ inclusive os cirurgiões os quais possuem a sua história ligada a construção de um tipo de atendimento aos escravos.

Os jesuítas construíram um hospital para atender a escravaria doente, em 1700. Mais tarde, em 1820, o Hospital compunha-se de uma construção de dois andares com a melhor madeira de lei, com paredes amplas e altas que reservavam vinte e seis janelas no segundo pavimento e trinta e duas no térreo. Os doentes eram separados segundo o sexo e a faixa etária e com uma enfermaria para cada um destes. Não só os escravos eram tratados ali, mas todos os residentes da Fazenda, bem como os viajantes que, neste caso, pagariam pelo atendimento. Até 1820, os escravos eram os próprios cirurgiões do hospital, e eram mestres na arte da flebotomia, os enfermeiros também eram escravos e os melhores entre eles eram escolhidos para serem os futuros cirurgiões.⁵

O posto de cirurgião era almejado entre os escravos já que, significaria a fuga dos trabalhos braçais da Fazenda, e a distinção entre a escravaria. Tal função estava subordinada diretamente ao Superintendente da Fazenda. Durante a sua formação, ele ficaria à mercê do hospital e seria sustentado, assim como todos os trabalhadores do hospital, pelo *Caldeirão dos pobres*, que como vimos anteriormente, alimentava os inválidos e as crianças, sobretudo as órfãs. A formação de um escravo que desejasse trabalhar no hospital, era difícil e o primeiro escravo a ascender esta distinção social foi o preto José Alves, ele adquiriu o pomposo título

⁴ e separados para artífices, desempenhando as tarefas de pedreiros, carpinteiros, serralheiros, estucadores, pintores, músicos, cirurgiões

⁵ A equipe era formada por Dois cirurgiões, um ajudante, dois barbeiros-sangradores, dois cozinheiros, um enfermeiro e duas atendentes, Cada enfermo era internado segundo uma guia confeccionada pelos enfermeiros, esta guia continha a data da entrada, o local, o medicamento ministrado e o diagnóstico. Os doentes particulares pagavam uma diária de 1\$600, esse valor parece um pouco alto, mas se Freitas estiver correto, esse valor deveria suprir as despesas com os demais escravos que eram custeados pelo próprio Estado, já que lhes pertenciam. Cf. Benedicto Freitas, *Op. Cit.* p. 234.

5

de “1º cirurgião da Real Fazenda e Paço de Santa Cruz”, e nesta função ficou de 1817, data da sua nomeação, até 1847.

A organização do hospital era tanta, que a viajante Maria Graham, que visitou a Fazenda na década de 1820, ficou muito impressionada com o que viu. Gostou da arrumação e da limpeza das instalações. Infelizmente, o que ela dissera sobre o hospital da Imperial Fazenda de Santa Cruz, não poderia ser estendido ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, daquele mesmo período. Nas estantes da botica encontrava-se a quina em casca, o alcaçuz, o sene, e outras *drogas*. E um exemplar de uma antiga edição da Tríaga, uma panacéia sobre as enfermidades e suas curas, com forte apelo à idéia do *segredo*, que segundo Vera Beltrão Marques, era fundamental, no pensamento jesuítico, para a obtenção do sucesso das fórmulas (MARQUES, 2003: 163-198). Em 1893, após a proclamação da República, o hospital foi ocupado pelas forças militares. Sendo mais tarde desativado, passou a abrigar uma empresa agropastoril e, por fim, foi definitivamente abandonado como instalação pública até ser demolido no início do século XX.

Contudo, as coisas no hospital da Imperial Fazenda não eram só flores. Após 1860 o *caldeirão dos pobres* foi cortado pelo intendente Ignácio José Garcia sob a alegação de falta de verbas, o hospital havia deixado de ser uma prioridade. Muitos doentes passaram a fugir das instalações e outros recusaram-se a nela entrar, os trabalhadores da enfermaria sobreviviam como podiam e, por isto, foram obrigados a cultivar o seu próprio roçado nas horas de folga; com o tempo, abandonaram de vez o hospital. Garcia entendia de intendência, mas não sabia nada de gente.

O açoite passou a ser praticado como regra, quase todo dia um escravo era castigado em frete ao Paço e a esse estado de coisas, os escravos reagiram com insubordinação e fugas em massa. Ao mandar suprimir o “Caldeirão dos pobres”, Garcia atingiu os escravos que mais necessitavam desse sustento: os doentes, os inválidos, os artífices, as crianças e os que trabalhavam no hospital.

Garcia, porém, tornou-se o terror dos escravos, na mesma medida em que o escravo José Fernandes transformou-se no terror da Fazenda.⁶ Fernandes fugiu e embrenhou-se na mata, ao lado de outros escravos fugidos. Supostamente ele teria se refugiado em um quilombo situado em Itaguaí chamado com jocosidade pelo povo da época de “quilombo do Garcia” (FREITAS 1985:258). Os rebeldes passaram a fustigar a fazenda cometendo pequenos furtos, principalmente à noite. Diante dessa situação, Garcia respondeu ameaçando

⁶AN, Fazenda Nacional de Santa Cruz, Cx. 507.

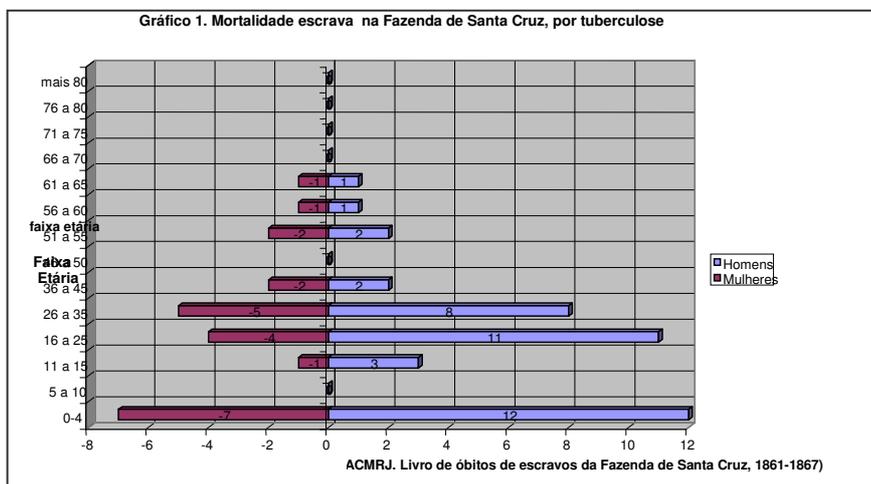
6

os escravos rebelados de mandá-los lugares longínquos, empregá-los na construção de obras em outros lugares e dezenas foram para o Calabouço. O caos que pairava sobre a Fazenda deve ter contribuído para o aumento do número de mortes. A Fazenda passa nesse momento por um decréscimo do número de homens, a produção alimentícia entra em declínio pela falta de mão-de-obra. Sem alternativa, o intendente começa a usar as mulheres nos serviços braçais dos campos, principalmente nos arrozais onde, segundo Freitas, as escravas trabalhavam o dia inteiro com água pela cintura.

A situação só melhoraria após a assunção do comando da Imperial Fazenda pelo intendente José de Saldanha da Gama, em 1870, o qual tratou de retomar as atividades do *Caldeirão dos pobres*; aboliu, a prática dos castigos físicos e alforriou os escravos mais velhos e estropiados às custas da Fazenda e, por último, iniciou a reforma do antigo hospital.

Voltando à questão da mortalidade escrava na década de 1860 referentes aos óbitos dos escravos, só podem ser devidamente entendidos se controlados segundo os padrões de sexo e faixa etária, desta forma é que podemos compreender que, os escravos que morriam na Fazenda estavam em tenra idade, ou seja, eram crianças de 0 a 4 anos. Definitivamente, a morte não é democrática, ela escolhe sexo e idade

O Gráfico 1 Óbitos de escravos da Fazenda de Santa Cruz, por tuberculose, segundo o sexo e faixa etária, situado abaixo.



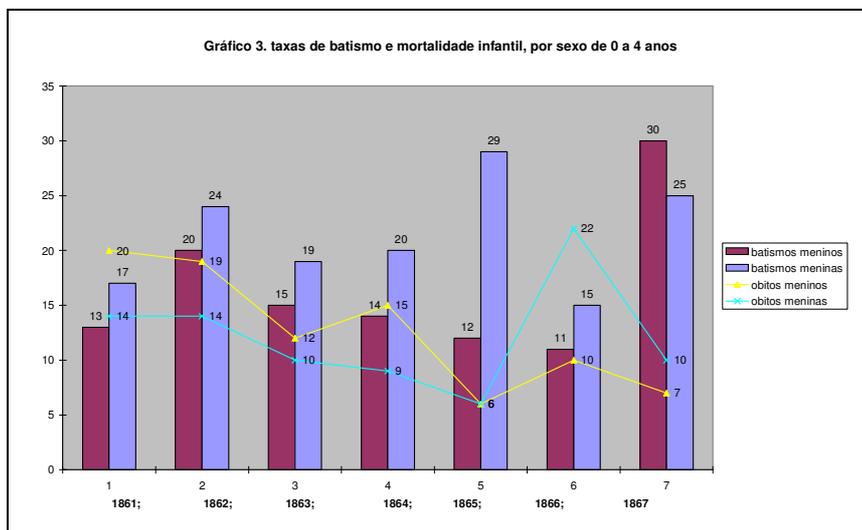
Ao observarmos as causas *mortis* por tuberculose sob o ponto de vista da faixa etária, podemos verificar que, a maior parte delas se dera em tenra idade, entre os 0 e 4 anos. De fato tais dados são dignos de nota, pois dos 64 escravos mortos, 19 morreram nesta faixa etária, ou seja, 29,6 % do total. Um outro fato importante é que a desigualdade entre os gêneros pode ser verificada mesmo nesta faixa etária, pois faleceram 12 meninos, contra 7 meninas; 18,7 %

7

contra 10,9%, respectivamente. Com efeito, o momento crucial para manutenção da vida escrava, deveria ter a sua fase crítica no primeiro momento da vida, vencida esta fase, a expectativa de vida aumentava sobremaneira. Os nascidos em cativeiro que rompessem a barreira dos primeiros quatro anos, teriam mais chances de chegar à idade adulta. Os dados nos revelam que, dos 5 aos 16 anos, apenas 4 crianças morreram de tuberculose; dos 16 aos 25, faleceram 15 escravos, ou seja, 23,4%; dos 26 aos 35 anos, morreram 13 escravos perfazendo um total de 20,3%, sempre com uma acentuada diferença entre homens e mulheres, no qual nota-se um nítido aumento das mortes para os primeiros. Tais fatores podem ser explicados pelo fato dos cativos recém-nascidos estivessem mais vulneráveis ao bacilo Koch, já que não possuíam nenhum tipo de resistência.

Aliado a isto, a diminuição do número de escravos do sexo masculino na fazenda, por conta de todos os problemas os quais descritos até aqui, fez com que um grande contingente de mulheres fosse deslocado para as tarefas pesadas do eito, de modo que passou a faltar-lhes tempo e recursos para o cuidado dos pequeninos. Entregues à própria sorte, ou aos cuidados precários do hospital que passava por crise, as crianças menores sucumbiam. Por outro lado, uma outra etapa difícil da vida era dos 16 aos 25 anos, justamente o momento no qual os escravos passavam a participar com mais intensidade da labuta do eito. As mortes e talvez também as doenças estariam relacionadas à falta de quem os acolhessem quando eram crianças e a ausência de quem os soltassem quando eram adultos.

Contudo, qual teria sido o impacto desta mortalidade sobre a escravaria de Santa Cruz? Poderíamos afirmar que esta mortalidade era alta? Para tentarmos responder a estas questões, verificamos no livro de batismo da Imperial Fazenda de Santa Cruz a quantidade de batismos de crianças, cruzamos os dados obtidos com os índices de óbitos de crianças com um ou menos anos de vida e com eles montamos o *Gráfico 3, Taxa de batismo e óbito infantil, por sexo e faixa etária de escravos de 0 a 4 anos*, abaixo localizado:



Fonte:ACMRJ: Livro de óbitos da Imperial Fazenda de Santa Cruz, 1861-1867

Como se pode ver, os anos de 1860 e 1861 devem ter sido os mais críticos para os escravos, uma grande incidência de tuberculose ceifou muitas vidas, sobretudo do sexo masculino, foram 20 óbitos de meninos contra 17 nascimentos, da mesma forma até as meninas morreram mais que nasceram meninos, foram 14 contra 10. No entanto, a partir daí, o número de nascimentos passou a crescer gradativamente até que encontramos uma alta significativa de nascimentos em 1866 e 1867, sinal de que, ou a crise social estava sendo ultrapassada, ou o surto de tuberculose e febre havia passado, se estes escravos ultrapassaram os 10 anos de vida, é bem provável que eles tenham chegado à fase adulta. Os escravos de Santa Cruz não possuíam, pois, uma taxa de mortalidade maior que a de nascimentos, no entanto, dos 264 escravos nascidos na Fazenda, 174 morreram de doenças infecto parasitárias, ou seja, 65,9% dos escravos não sobreviviam aos dois primeiros anos de vida.

Concluindo, não seria demais dizermos que, a escravaria da Imperial Fazenda de Santa Cruz encontrou os seus próprios meios de enfrentar as intempéries da vida e as enfermidades que os afligiam. Cirurgiões negros, metidos em coisas do mato, urdiam os conhecimentos adquiridos com o saber médico à prática diária voltada para o uso do que lhes era eficaz, a botica deixada pelos Jesuítas dotadas de seus segredos era largamente utilizada. Ademais, não podemos descartar o fato de que, o contato com os índios de Itaguaí tenha contribuído para o conhecimento acerca de um sem número de enfermidades da terra. A Varíola, o escorbuto e o macúlo, resquícios do famigerado tráfico, agora extinto, já quase não existem, e a febre amarela, o temor dos europeus, nem avizinhava-se à região.

Por outro lado, a supressão do *Caldeirão dos pobres* e o aumento dos castigos corporais aliado aos prenúncios de deportação dos escravos para lugares longínquos, fizeram com que eles se revoltassem contra esse estado de coisas imposto por quem parecia querer quebrar os antigos laços de tradições. Entretanto os maiores penalizados foram eles próprios, haja vista o aumento da mortalidade.

Fontes

ARQUIVO NACIONAL

Fazenda Nacional de Santa Cruz, Cx. 507; Códice 1122 v. 19

ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

9

Livro de óbitos de escravos do Curato de Santa Cruz, 1861-18667.

Livro de batismo de escravos do Curato de Santa Cruz, 1861-1867.

FREITAS, Benedicto de. *História de Santa Cruz*. Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Edições do autor, 1985

Bibliografia

CALAINHO, Daniela Buono. “*Jesuítas e medicina no Brasil colonial*”. Revista tempo, Rio de Janeiro, nº 19; p. 61-75

ENGEMANN, Carlos. *Os Servos de Santo Inácio a Serviço do Imperador*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ. 2000

KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIMENTA, T. S. “*Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-1828)*”. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, 1998, v. 5, n. 2.

PÔRTO, Ângela. *A assistência médica aos escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático*. Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa (Papéis Avulsos, 7), 1988.

SLENES, Robert W. *Na Senzala Uma Flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.